



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ANTONIO RENALDO GOMES PEREIRA

O MARCO DIVINO NA SANTIFICAÇÃO DE ROMANA

FORTALEZA

2022

ANTONIO RENALDO GOMES PEREIRA

O MARCO DIVINO NA SANTIFICAÇÃO DE ROMANA

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais. Área de concentração: Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P489m Pereira, Antonio Renaldo Gomes.
O Marco Divino na santificação de Romana / Antonio Renaldo Gomes Pereira. – 2022.
43 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de Ciências Sociais, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino.
1. Santa Romana. 2. Violência. 3. Marco Divino. I. Título.

CDD 300

ANTONIO RENALDO GOMES PEREIRA

O MARCO DIVINO NA SANTIFICAÇÃO DE ROMANA

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais. Área de concentração: Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino.

Aprovada em: 09/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Cristina Maria da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. Jean Souza dos Anjos
Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UECE (Doutorando)

Aos meus Avós que, ao longo de suas vidas,
foram firmes em suas devoções.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Profa. Dra. Cristina Maria da Silva e Ms. Jean Souza dos Anjos pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos meus interlocutores, pelo tempo concedido nas entrevistas.

À Maria Lucilene pela atenção especial dedicada a mim nos espaços do Santuário.

Às minhas amigas Ana Alice Lima de Sousa e Ana Raquel Teixeira da Silva pelo apoio e incentivo nas mais diversas situações.

“Não é o suplício que faz o mártir, mas a causa” (AGOSTINHO, 2004).

RESUMO

A construção de um santo traz em cena um conjunto de fatores e hipóteses a serem testados ao longo do processo que envolve desde o próprio personagem até os indivíduos ou instituições capazes de outorgar o título sagrado. Há uma diversidade de situações que podem ocorrer no processo de santificação considerando os mais variados fatores. Romana foi uma jovem cativa que se tornou uma mártir ao conhecer os preceitos da Igreja Católica e resolver guardar castidade. A fim de conhecer e compreender a história de Santa Romana, coletei um apanhado de narrativas sobre sua história de vida, seus milagres e uma porção de dados sobre a confirmação de sua sacralidade a partir de um levantamento bibliográfico e pesquisa de campo com moradores da comunidade de São João das Almas e outras localidades do município de Meruoca-CE. A pesquisa qualitativa apresentou-se como a mais adequada para dar corpo a esta etnografia que desenvolveu-se, em grande parte, no que convém nomear como “observação flutuante”, que se desenvolveu no momento pandêmico que vivenciamos. A identificação do marco divino do processo de santificação de Romana constitui-se como um dos principais objetivos deste trabalho. Constatamos que o processo de santificação de Romana apresenta um conjunto de elementos simbólicos de forte apelo religioso que aos olhos da comunidade é satisfatório para a constituição da mártir como santa.

Palavras-chave: Santa Romana; Violência; Marco Divino.

ABSTRACT

The construction of a saint brings into play a set of factors and hypotheses to be tested throughout the process that involves from the character himself to the individuals or institutions capable of granting the sacred title. There are a variety of situations that can occur in the sanctification process considering the most varied factors. Romana was a young captive who became a martyr when she learned about the precepts of the Catholic Church and decided to keep her chastity. In order to know and understand the history of Saint Romana, I collected a collection of narratives about her life story, her miracles and a lot of data on the confirmation of her sacredness from a bibliographic survey and field research with residents of the community of São João das Almas and other locations in the municipality of Meruoca-CE. Qualitative research was presented as the most adequate to embody this ethnography that was developed, in large part, in what should be called “floating observation, given the pandemic moment we are experiencing. The identification of the divine landmark of Romana's sanctification process constitutes one of the main objectives of this work. We found that Romana's sanctification process presents a set of symbolic elements of strong religious appeal that, in the eyes of the community, is satisfactory for the constitution of the martyr as a saint.

Keywords: Saint Romana; Violence; Divine Landmark.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Meruoca com localização do Santuário	11
Figura 2 – Altar na capelinha com imagem de Romana em banner	30
Figura 3 – Prateleira com exposição de ex-votos	31
Figura 4 – Cruz azul em aroeira com fitas e votos	33
Figura 5 – Interior da capela do Santuário	35
Figura 6 – Trecho da escadaria	36

SUMÁRIO

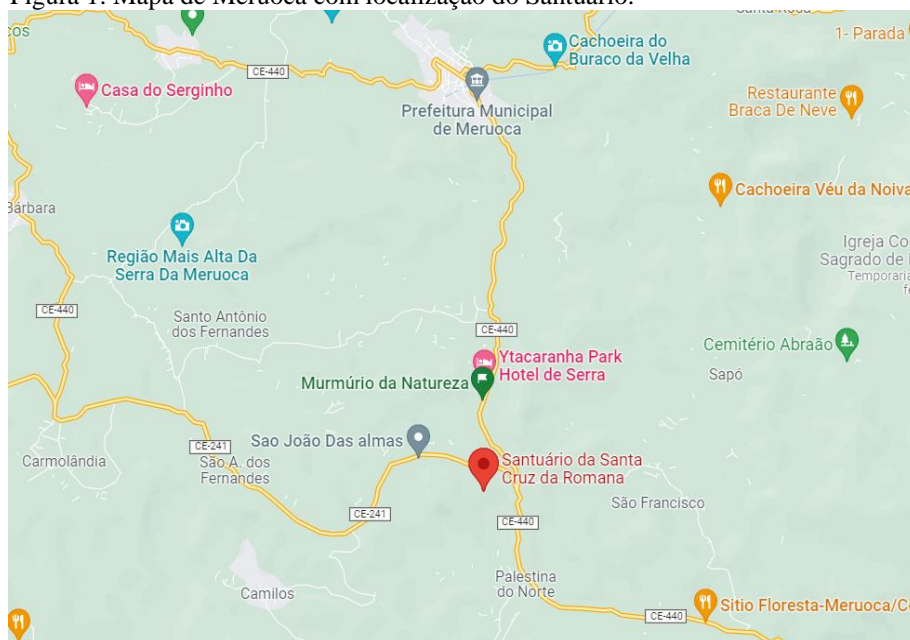
1	INTRODUÇÃO	11
2	O SAGRADO E A VIOLÊNCIA	15
3	OS SANTOS	17
4	O DESENHO METODOLÓGICO	20
5	SANTA ROMANA	22
5.1	Alguns traços das narrativas sobre Romana	22
5.2	O Marco Divino	26
5.3	As graças alcançadas	29
5.4	Os ex-votos como mostra das graças alcançadas pelos devotos	30
5.5	O Santuário da Santa Cruz da Romana	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40
	ANEXO A – PRECE À ESCRAVA ROMANA	42

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua existência, o homem busca relacionar-se com o divino nas mais variadas formas e níveis. Cultuar o sagrado tem se apresentado como uma das formas mais comuns. O sagrado pode apresentar-se externo ou internamente aos seres humanos, mas quais aspectos podem definir ou incitar a presença do divino? Apresentarei, nesta monografia, a história de Romana, mulher escravizada, que em dado momento é identificada como santa, por populares da comunidade de São João das Almas, ganhando reconhecimento de um número crescente de devotos.

A santificação, em nível eclesiástico, envolve um longo processo de verificação e avaliação do caso que considera as narrativas de vida do indivíduo em questão e os milagres realizados. Em seguida, os títulos são outorgados pela Igreja Católica progressivamente, sendo um deles o de beato e ao fim o indivíduo ganha o *status* de santo. Para os santos, considerados como populares, o processo não apresenta em seu escopo a mesma rigorosidade, pois o título de santificação depende, principalmente, das graças alcançadas, ou seja, dos milagres atribuídos ao personagem. Devo observar, entretanto, que um outro aspecto, como no caso de Romana, tem grande valor e pode servir como marcador da presença divina nas cenas sagradas ou local de repouso dos restos mortais ou relíquias. Tais marcadores serão identificados, ao longo do texto, a fim de estabelecer um marco divino na ou para a santificação de Romana.

Figura 1. Mapa de Meruoca com localização do Santuário.



Fonte: Google maps (2022).

A história de Romana se passa no Sítio Brás, comunidade de São João das Almas, município de Meruoca–CE, onde vive toda sua vida na condição de escravizada. Filha de um grande proprietário de terras, seu dono, Romana defende seus princípios de castidade, que adotara em razão dos ensinamentos cristãos que recebeu de um missionário, das investidas de Negro João, um dos escravos, e de seu meio irmão, filho de seu dono, que a queria como mulher. Por conta de todos os conflitos gerados em torno da situação, a história culmina com a morte da jovem Romana. No local de sua morte levanta-se uma cruz em memória da jovem e, ao passar dos anos, em razão de uma série de eventos, os populares lhe outorgam o título de santa.

Os santos, as santificações populares, as festas de santos ou festas religiosas são temáticas bastante abordadas nas Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia, contudo, a instituição desse sagrado pouco tem sido assunto dos estudos realizados nessas ciências. Para Calavia Sáez (2009, p. 198), santos “são aqueles personagens que ocupam um espaço entre as divindades e os fiéis” e desempenham o papel de mediadores das graças, intervindo junto à divindade em favor do devoto, ou produzindo, eles mesmos, os milagres. Mas quais fatores instigam os fiéis a investir tal poder a outro humano a ponto de identificá-lo como santo?

Com intuito de compreender como se constrói e se firma um santo, percebi nas narrativas que há uma manifestação, ao longo no caminho, que denota o vínculo do humano com o sagrado dando início a trilha que se deve percorrer para que a santificação seja reconhecida. Nos estudos que realizei, pude observar um ponto que sempre se faz presente nas cenas onde surgem as aparições de entidades divinas ou nos locais em que se identifica a essência sagrada em um personagem. Reconhecendo a importância de perceber e traduzir o que incita os sentidos, na presença do sagrado, identificando um indivíduo como tal, resolvi buscar nas narrativas e manuscritos o marco divino que evidencia a santificação de Romana e lhe confere o título de santa.

Considerando os estudos sobre santos, santificação, milagres, violência sagrada e produção do sagrado realizados por Calavia Sáez (2009); Eliade (2018); Girard (1990), identificar o marco divino que institui o processo de santificação de Romana torna-se o objetivo deste trabalho.

A partir deste objetivo geral se derivam os seguintes objetivos específicos: (1) descrever os acontecimentos sagrados e profanos que marcam as narrativas sobre Romana; (2) citar eventos religiosos nos quais religião e violência se entrelaçam constituindo o que se convém nomear de violência sagrada; (3) registrar a constituição das figuras santas nas fronteiras religiosas; e (4) analisar o marco divino que apresenta Romana como personagem

digno de santidade.

Esse estudo etnográfico de abordagem qualitativa tem entre suas bases o levantamento bibliográfico, iniciado em meados de 2020, que consistiu na coleta de dados registrados em livros, jornais, artigos acadêmicos e dissertações que tratam do assunto, direta ou indiretamente, e a pesquisa de campo, realizada em julho de 2021, que tratou de estabelecer interação, até certa medida, com moradores da comunidade de São João das Almas e sede do município de Meruoca, para compreender o fenômeno estudado. A inspiração etnográfica teve entre suas motivações a identificação e análise do marco divino do processo de santificação popular de Romana.

A elaboração desta etnografia apresenta entre seus métodos a observação participante que, inicialmente, permitiu conhecer a rotina do Santuário, a movimentação dos fiéis e acompanhar algumas atividades de catequese realizadas por moradores da comunidade. É neste momento que as primeiras narrativas são documentadas e os primeiros contatos com devotos e fiéis são realizados. A fim de aprofundar algumas questões relacionadas ao que objetivo nesta monografia, a observação flutuante, em razão da pandemia do novo coronavírus, me parece a mais adequada, visto que a maioria dos interlocutores tem entre quarenta e setenta anos. A observação flutuante, nos termos propostos por Pètonnet (2008) se encerraria onde a observação participante se iniciasse. Aqui, percorro o caminho inverso, parto do Santuário da Santa Cruz da Romana, onde as discussões em torno da santificação de Romana se centralizam, para outros ambientes da cidade a fim de esclarecer os questionamentos que guiam esta pesquisa. Praças, feiras e festa de santo tornam-se locais próprios para dar andamento ao processo.

Esta monografia está dividida em cinco capítulos, incluindo-se a introdução. No capítulo introdutório tratei de definir a temática da santificação considerando o marco divino como ponto crucial para outorga do título de santo a um personagem vinculado a uma narrativa de dor e sofrimento. A delimitação do tema foi indicada e o sujeito histórico definido, contextualizado em tempo e espaço. As indagações que nortearam a pesquisa, assim como os objetivos e metodologia utilizada também foram assinaladas.

No capítulo seguinte, O sagrado e a violência, apresento as ideias de sagrado e profano, evocadas para sustentar o religioso que se mostra como um entrelaçamento dos opostos que se completam na configuração do santo; a formação do sagrado e do profano como elementos do religioso e da religião; algumas concepções em torno do sagrado e do profano que se constroem, intencionalmente ou não, como elementos opostos capazes de produzir uma relação de complementaridade. A violência é apresentada como elemento

comum, no sentido de fazer-se presente e, de certa forma, naturalizado, das religiões tradicionais e de outras formas de religiosidade, compreendo-a como elemento religioso e, por vezes, em diferentes momentos e lugares, produtora do sagrado. Considerando as transformações, ressignificações e rupturas de ritos e práticas nos processos culturais, aponto a morte como construtora/produtora de *status*, no caso em estudo, o *status* de santificação se produz em um cenário marcado pelas violências ou violência sagrada que marca o personagem violentado, outorgando ao indivíduo a denominação de santo.

No terceiro capítulo, intitulado Os santos, explano sobre as definições de santo elaboradas por antropólogos e outros estudiosos da temática, mesclando os conhecimentos com outras informações que contribuem para o entendimento da figura sagrada que obteve a outorga de seu título pela Igreja Católica ou mesmo os indivíduos que têm sua santificação atribuída pelo povo em razão de uma série de eventos que envolve milagres e graças alcançadas.

No quarto capítulo, O desenho metodológico, traço os caminhos tomados ao projetar a pesquisa e como se deu sua realização. Os interlocutores são apontados, assim como sua localização geográfica no município de Meruoca. Os métodos utilizados para a construção da etnografia são pincelados para melhor compreensão de como as relações entre os sujeitos foram construídas em campo.

No quinto e último capítulo, apresento um relato sobre a história de Santa Romana que traz à cena uma mulher negra, escravizada que em razão da guarda de sua castidade é posta em martírio e outras situações de violência que culminam com sua morte. Uma série de eventos e situações compõe o cenário de santificação de Romana, no qual o cheiro de rosas e a formação do rosário se apresentam como marcos divinos em sua trajetória. Manifestações como milagres, os ex-votos produzidos como mostra das graças alcançadas pelos devotos, os ritos de adoração, a festa da Santa Cruz e a romaria podem ser entendidos como fenômenos religiosos e sociais locais que envolvem a figura de Romana e contribuem para a transformação do espaço.

Ao final da discussão, esboço algumas considerações sobre o cenário em que se constrói e afirma um santo, refletindo sobre os contextos e elementos que repercutem nas narrativas de sua história de vida e os marcos divinos que garantem a troca de *status* de morto/falecido/finado para santo.

2 O SAGRADO E A VIOLÊNCIA

Pensar o sagrado é bem mais do que idealizar a dualidade entre sagrado e profano como opostos e/ou complementares de uma determinada forma de religião ou religiosidade em uma sociedade ou povo. O sagrado pode ser descrito ou entendido como uma oposição ao profano, ao mesmo tempo em que são complementares nos indivíduos, nos ritos e rituais, nas sociedades, nas culturas e religiões.

Pode ser considerado sagrado, tudo aquilo a que agregamos um significado especial, seja um objeto, símbolo ou lugar aos quais adicionamos importância. Vale considerar que nem tudo que é sagrado para uma pessoa o é para outra, pois as significações sobre uma mesma coisa podem variar de indivíduo para indivíduo. O profano corresponde a tudo aquilo que não é sagrado. Desta forma, o que é sagrado para um pode ser profano para outro.

Para Durkheim (2003, p. 56) “o sagrado e o profano sempre foram concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais não há nada em comum”, mas até que ponto podemos adotar tal conceito como fato em um mundo permeado por ressignificações dos símbolos e da própria vida que a cada momento tem seus desejos por transformação avivados?

As diferentes percepções de mundo são construídas a partir do contexto e das próprias perspectivas, conforme Eliade (2018, p. 20), “os modos de ser *sagrado* e *profano* dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos”, diferenciando-se a medida de sua proximidade do mundo sagrado, vivenciando-o, ou do mundo profano, dessacralizando o mundo e a própria existência.

Doravante, pensarei o sagrado e o profano considerando-os no contexto religioso, observando a possibilidade de construção de um sagrado a partir de algo do meio profano. O sagrado assume tal característica pela relevância que adquire ao ganhar importância para uma sociedade ou mesmo para um indivíduo, como ocorre, por exemplo, na “manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore” (ELIADE, 2018, p. 17), de forma que, conforme o autor, para uns a pedra é uma pedra, para outros ela é objeto de culto, assim como um lugar para uns é comum ou profano, para outros é sagrado. É possível que tal manifestação ocorra entre os seres humanos. Eliade (2018) propõe o termo “hierofania” para tratar da “manifestação da realidade sagrada”. Ao ocorrer entre humanos atribui-se, por vezes, o *status* de santo ao indivíduo cuja hierofania foi reconhecida e interpretada como tal pela sociedade, ou seja, algo sagrado se revelou no indivíduo, indicando o marco divino.

De acordo com Eliade (2018), “quando o sagrado se manifesta por uma hierofania

qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente” (p. 26). A manifestação do sagrado, nesse sentido, concentra-se em ponto determinado e tudo além pode ser considerado profano ou não pertencente ao sagrado em evidência.

Tão estranho quanto comum é a produção do sagrado por meio da violência, seja ela produzida ao acaso ou mesmo quando é pensada com esta finalidade. Enquanto a violência se realiza ou se aplica, a energia produzida possibilita a manifestação do sagrado. Conforme Mauss e Hubert (2017), a violência sagrada pode ser instituída pelo sacrifício, ao passo que ele põe em movimento um conjunto de coisas sagradas capazes de estabelecer uma comunicação entre o mundo sagrado e o mundo profano por intermédio da vítima sacrificial, ou seja, enquanto uma vida se desfaz em contexto ritual é possível que o sagrado se manifeste.

Para Girard (1990), o sacrifício é um mecanismo social produtor do sagrado, uma vez que, uma morte pode produzir a vida. A violência contida no sacrifício é capaz de produzir o sagrado, ao passo que, ela própria se sacraliza. No caso em estudo, a santificação, os atos de violência que culminaram na morte do indivíduo foram capazes de fazer manifestar o sagrado. Desta forma, a energia produzida pela violência, ao sacralizar-se, é capaz de instituir uma nova energia. O ritual de sacrifício apresenta dois aspectos principais, são eles: o sagrado e o crime. Ceifar uma vida pode ser entendido como crime, por outro lado, não haveria a sacralização, ou seja, a presença do sagrado se não houvesse o abate do indivíduo, pois a violência constitui o coração e a alma secreta do sagrado, afirma o autor.

O duplo sentido da violência quando se pensa em sacrifício está para além do crime e da manifestação do sagrado. Ao produzir ou ser ela mesma impura, a violência, ao tempo que contamina, é capaz de purificar. Assim, a sacralização da violência por meio do sacrifício possibilita a instituição do sagrado. Com isso, a morte em contextos de violência, mesmo que ocorrida fora de uma cena ritual, pode acessar os mecanismos de instituição do sagrado tornando possível a hierofania em alguma das dimensões do religioso. Aos santos, os martírios são um tipo de violência bastante comum, eles consistem em um suplício infligido a alguém devido à defesa de uma causa, geralmente ligada a algum preceito moral ou religioso pelo qual o mártir será reconhecido após seu falecimento.

A violência é um fator que se evidencia nas narrativas de vida de um santo, seja a violência que o afligiu durante sua vida ou a violência que o vitimou, sendo ela submetida pelo próprio indivíduo ou pela sociedade. A violência social dirigida à vítima sobrevive na memória coletiva evocando a comoção social e identificação das pessoas para com o santo.

3 OS SANTOS

Santo, por assim dizer, é um termo que permite “referir-se à pessoa que carece de toda a culpa e que está cheia de bondade”. No contexto religioso, são consideradas santas, as pessoas que se destacam pelos seus modos de viver ou por manter uma relação diferenciada que a aproxima da divindade. Para Calavia Sáez (2009, p. 198), “santos são aqueles personagens que ocupam um espaço entre a divindade e os fiéis, e também, muito especialmente, entre a eternidade das primeiras e o tempo histórico dos segundos”.

Uma série de condições se faz necessária para a existência de um santo, a religião é umas das principais, pois é a partir dela que se torna possível o papel de intermédio que o santo assume ao firmar-se como tal. Para a Igreja Católica, cada santo constitui um modelo moral que deve ser seguido pelos fiéis. A outorga do título de santo a um indivíduo é realizada a partir de um processo denominado canonização, no qual se verifica, principalmente, as narrativas de vida, suas virtudes e qualidades cristãs, o martírio e os milagres realizados pelo personagem. Render culto aos santos e dedicar-lhes festas litúrgicas vinculadas à Igreja está condicionado à finalização positiva do processo de canonização.

É verdade que, em alguns casos, personagens que ainda não alcançaram o título de santificação, ocupam o *status* de santo aos olhos do povo e, de certa forma, pelos grupos eclesiais. São Gonçalo do Amarante, por exemplo, atrai devotos ao redor do mundo sendo mencionado como santo, contudo seu processo de canonização o define, até os dias de hoje, apenas como beato.

A canonização de um indivíduo é um processo lento. Geralmente, a sacralização de um personagem parte da própria comunidade que reconhece o vínculo sagrado no indivíduo em questão através da manifestação de símbolos que caracterizam o marco divino, tratarei deste assunto mais adiante, e aguçam o desejo de lhe prestar devoção.

A sacralização da sociedade, ou do coletivo, é sempre uma abstração. O que acontece com mais frequência é a sacralização de alguma coisa, sejam deuses ou espíritos, seja uma pessoa, como símbolo da sociedade. [...] E o povo que partilha dessas culturas efetivamente vê, pela fé, pessoas como seres sagrados (GOMES, 2005, p. 136).

Sé a fé é o que motiva o homem a sacralizar outro homem, associando-lhe a poderes sobrenaturais capazes de intervir nas mais diversas situações, o *status* de santificação não seria o único modelo ou forma de devoção adotada em que a fé é peça motriz. O culto aos santos, “dotado de literatura, arte sacra e opulentos rituais públicos” (CALAVIA SÁEZ, 2009, p. 200) tem em seus primeiros passos cultos improvisados, culto aos túmulos e cadáveres

modestos, praticamente anônimos. Estes últimos dão origem ao culto aos santos que não é muito mais que a institucionalização e/ou adaptação do culto pagão. Vale ressaltar, como indica Calavia Sáez (2009), que “os santos são *achados e domesticados* - na medida do possível e em um prazo muito longo - pela Igreja, mas não instituídos por ela” (p. 200).

O culto aos mortos, pensado como uma instituição familiar, atribui ao falecido o poder de realizar diversas façanhas ao manipular o sagrado em benefício dos familiares que em contrapartida lhe fornece provimentos para seu bem-estar no *post mortem*. No caso, as relações que se estabelecem entre os vivos com seus parentes mortos se realiza a partir de uma oferta votiva onde se firmam os laços de afeto e compromisso entre as partes no qual os vivos suprem as necessidades dos mortos e realizam, no ato, o pedido (PEREIRA, 2021).

Semelhante, ocorre entre as figuras falecidas identificadas como milagreiros. Estes são personagens que têm em suas trajetórias de vida um conjunto de elementos que lhes aproximam do arquétipo de santo, dos santos populares, dos santos que ascendem à canonização, no entanto, em certos casos, diversos outros fatores lhes põe mais próximo dos indivíduos profanos do que de um contato com o divino. Diferente dos santos, não constitui regra, na constituição de um milagreiro, o fato de ter em suas narrativas de vida um vínculo religioso ou mesmo a vida baseada em uma moral digna de ser copiada, em alguma medida, pelos devotos, como indica o trabalho de Freitas (2000). “A morte considerada trágica” pode agir como “mito fundador da santidade” servindo como referencial na construção das devoções capazes de produzir um milagreiro, conforme Maia (2015).

Os milagreiros, assim como os santos populares, não tem o reconhecimento da Igreja como santos ou beatos. Seu título de santidade ou de milagreiro vem do povo que reconhece suas capacidades sagradas e retribui as graças alcançadas com seu carinho e fé. São pessoas comuns que ganham a fama de milagreiros pelas graças concedidas, ganhando agradecimentos, das mais variadas formas, dos fiéis que transformam seus túmulos em pontos de peregrinação, locais próprios para depositar oferendas, pedidos e ex-votos.

Para surgir/nascer um santo, ou mesmo santificar alguém é necessário considerar uma série de “processos socioculturais que contribuem para a recomposição do imaginário local que atribui o *status* de sagrado a um indivíduo ao invés do *status* de finado, após sua morte” (PEREIRA; SILVA, 2021). Desta forma, “a vida como um todo é suscetível de ser santificada”, indica Eliade (2018, p. 137).

É no seio da comunidade que essas atribuições são realizadas. Tornar-se santo é como renascer para uma nova vida, como indicam Pereira e Silva (2021) ao sinalizar que “a morte se revela como a chave de acesso ao sagrado permitindo aos indivíduos a outorga de

um *status*” que varia desde o mais comum, “quando se deseja afastar o espírito do morto”, atribuindo-lhe o prenome de finado, ou como no caso apresentado, oferecendo-lhe o papel de mediador “entre os mundos natural e sobrenatural ao atribuir o *status* de santo que permite firmar relações entre devoto e entidade”.

Para Pereira e Silva (2021), vários elementos são considerados pela comunidade na construção da figura sagrada, entre eles, a identificação da comunidade com as características mais expressivas do indivíduo que é idealizada através das memórias que se transmitem do âmbito individual para o coletivo, daí se constroem as narrativas de vida que contribuem para a popularização do santo, visto que tais narrativas identificam o santo com a comunidade. Desta forma, “o santo popular é parte integrante da história local, atuando como elemento intrinsecamente vinculado à fé estabelecida nas cidades”, afirma Melero (2021, p. 17).

Eliade (2018) indica que o sagrado é poder e que esse poder é capaz de instituir a realidade, desta forma “o homem religioso se esforça por manter-se o máximo de tempo possível num universo sagrado”. Assim, é “fácil compreender que o homem religioso deseje profundamente *ser*, participar da *realidade*, saturar-se de poder” (19). Pensando dessa forma, seria o culto aos mortos, milagreiros e santos, uma tentativa de estar ou sentir-se mais próximo do sagrado ou mesmo contribuir com a construção de uma realidade que permita, futuramente, ao próprio devoto ser parte desse sistema de culto como indivíduo cultuado? Há, no caso, uma tentativa de burlar as “leis naturais” vinculando-se ao sagrado com o desejo de burlar a própria morte ao ter em si uma expressão de imortalidade, em alguma medida?

O corpo é o símbolo da devoção, se em vida, o indivíduo passou por privações, geralmente, por adotar uma moral religiosa diferenciada dos demais, trazendo para si uma carga simbólica de sofrimento sobre seu corpo, na morte muda completamente, o que era fonte de sofrimento passa a ser fonte de salvação desenhando um cenário propício para a manifestação do sagrado, indica Soares (2007).

Ao revelar-se, o sagrado é capaz de ressignificar uma série de eventos e situações a ponto de reverter a própria ação da morte, ao imortalizar um indivíduo na memória dos demais, ao evitar a corrupção dos corpos, e por fim, mas não menos importante, o que me parece ser uma ação bastante controversa, delegar poderes ao que parecia já não ter poder algum.

4 O DESENHO METODOLÓGICO

A partir dos problemas e objetivos expostos anteriormente, esta pesquisa se deterá na exposição e análise de narrativas que apresentam a figura de Romana como personagem digno de santificação obtendo o título por parte dos populares ao identificarem dois marcos considerados sagrados no âmbito do catolicismo em razão dos registros de aparições de santos e elementos que por si vinculam Romana ao sagrado ao tomar a cena na presença da personagem em questão. No curto período em que se construiu esta etnografia foi possível perceber fatos destoantes nas narrativas que compõem a biografia de Romana. A fim de apresentar uma discussão clara e de fácil entendimento para o leitor, resolvemos nos apoiar nos fatos mais citados pelos interlocutores para esboçar a narrativa de vida de Romana. Desde os primeiros estudos realizados por meio de artigos de jornais, trabalhos acadêmicos e dados apresentados por pessoas conhecedoras da história da Santa Romana, foi possível perceber o quanto a história se desdobra em fatos e narrativas. Assim, para esclarecer alguns pontos e responder aos objetivos deste trabalho, elaboramos um roteiro semiestruturado para utilizar em campo.

É sabido que os estudos sobre santos podem abordar os mais variados aspectos da realidade, considerando as construções biográficas elaboradas a partir das narrativas sobre a vida do santo nas quais, comumente, seu martírio e causa da morte ocupam um plano principal de significação que o remete ao sagrado. As ideias em torno do santo ou milagreiro que o vincula a uma divindade podem ocupar um plano secundário na constituição da fé dos populares à figura em questão. Não é o nosso caso. Ao adentrar no universo cristão católico forçadamente, enquanto criança, e depois, conforme contam nossos interlocutores, aderir aos preceitos do universo religioso, Romana traz em sua trajetória, fatos que a identificam como santa popular vinculada ao mundo cristão. Este vínculo pode ser percebido no conjunto de objetos depositados e rituais elaborados e realizados em torno do local instituído como repositório ou altar da santa.

Considerando a memória construída em torno da santa e a materialidade subsequente, resolvemos buscar fatos e construções simbólicas que tem suas origens e inspirações na santa popular. O Santuário da Santa Cruz (da Romana) pode ser considerado o centro material de todo o evento, mesmo antes de tornar-se um santuário, foi o local onde a narrativa de vida de Romana tem seu desfecho. Portanto, elencamos o santuário como cena principal do nosso universo da pesquisa que se estende ao centro e outras localidades de Meruoca, Ceará.

Esta etnografia se desenvolve no período pandêmico, então, muito do que podia ser implementado em outros tempos tornou-se inviável. As visitas domiciliares não ocorreram e o contato com pessoas idosas foi eludido a fim de evitar qualquer tipo de contaminação pelo coronavírus.

Meu trabalho constituiu-se, em parte, de forma bibliográfica com intuito de realizar um levantamento dos fatos e construções narrativas publicadas em meio digital. Logo adiante, projetei o estudo e em seguida o trabalho campo que se utilizou do método de observação participante e observação flutuante conforme o local e a situação em que me encontrava no universo de pesquisa.

Meus interlocutores, sujeitos que se dispuseram a conversar sobre a trajetória de vida de Romana, somam o número de seis, entre eles: homens e mulheres que encontrei no Santuário da Santa Cruz, praça e feirinha localizadas na sede do município e festa de São Bento realizada em comunidade de mesmo nome. As entrevistas foram gravadas em áudio. Suas falas estão presentes ao longo do texto. As imagens que ilustram a narrativa foram capturadas com o auxílio de smartphone Xiaomi. Optei por não identificar os interlocutores.

4 SANTA ROMANA

As narrativas de santificação são, comumente, marcadas por tragédias e sofrimentos que assinalam a vida de um indivíduo e da comunidade que o cerca. Poderíamos dizer que o processo de santificação tem em seu bojo traços de violência que apresenta entre suas ressignificações fatores que legitimam a santificação de determinado personagem. A história de Santa Romana, apresentada ao longo desta monografia, não se exclui a esta regra. As narrativas de moradores da comunidade de São João das Almas salientam o sofrimento que a jovem cativa vivenciou ao longo de sua vida.

4.1 Alguns traços das narrativas sobre Romana

A fim de perceber os sentidos que se constroem em torno da figura de Romana, apresentarei alguns trechos das narrativas histórica e mitológica que se desenvolvem sobre as cenas e o papel de Romana no Sítio Brás. Em relato obtido no espaço do Santuário da Santa Cruz da Romana, em julho de 2021, uma interlocutora comunica que

“a história da escrava Romana começou no século XVIII, ela era filha de um português, dono destas terras, com uma escrava, uma escrava africana que vivia na senzala. A mãe dela faleceu, ela muito pequenininha, não teve muito conhecimento da mãe, ela não teve aquele afeto, né? Pelo português, ela nunca foi reconhecida como filha, era uma escrava qualquer. Ela foi criada junto com os outros escravos, na senzala”.

A trajetória de vida de Romana apresentada por Soares e Soares (2008) corrobora a narrativa apresentada pela interlocutora ao revelar uma jovem que “viveu parte de sua vida tendo que se passar por homem, pois chegara a trabalhar juntamente com outros escravos. Durante o dia trabalhava sem cansar, e a noite carregava água de um pequeno rio, com seu corpo atrofiado e cheio de dores” (*apud* SOARES, 2012).

Com o passar do tempo, Romana é “percebida como mulher bonita, de lábios de mulata e dentes alvos” (SOARES, 2012), fato que a torna bastante cobiçada por Nego João, um dos escravos do Sítio Brás. “*Quando ela se tornou adolescente, ela se tornou uma adolescente muito bonita, uma moça muito bonita, então ela passou a ser cobiçada pelos portugueses que visitavam aqui, pelos parentes e pelos escravos que moravam aqui [referindo-se ao Sítio Brás]*”, afirma um interlocutor.

Um dos escravos do sítio nutre uma paixão por Romana. Nego João tenta seduzi-la diversas vezes, enfrentando a recusa da jovem e castigos de seu dono em razão dessa

paixão.

A visita de um missionário marca a vida de Romana e exerce influência em todo o desfecho de sua história. De acordo com as narrativas sobre a vida de Romana, em sua infância, ela tinha um semblante de amargura em razão de todo o sofrimento ao qual era submetida diariamente. Inicialmente, ela não via sentido nas atividades de evangelização realizadas pelo missionário e sua participação se deu forçadamente. *“Ela não queria e aí ela veio obrigada pela senhora, a senhora do sítio. Então, de início, ela escutou aquelas pregação ali sem querer, mas aí pro final parece que, tipo assim, entrou um raio de luz dentro dela, aí ela foi catequizada por esse missionário”*.

Ao passo que Romana se encanta pela evangelização apresentada pelo missionário, Nego João mantém o desejo de levá-la para a *“perdição”*. A evangelização apresenta à Romana um outro pensamento em relação ao corpo e ao desejo. *“Era o corpo de escrava, mas o pensamento dela era um pensamento muito elevado, ela se dedicava”* aos mandamentos da religião, conta uma interlocutora. Romana teria assumido os preceitos cristãos elencados durante o trabalho missionário a fim de livrar-se das investidas de Nego João e/ou outros castigos que poderia receber de sua senhora por contrariar seu desejo ou a conversão, de fato, efetivou-se?

Nas narrativas, há um momento em que Nego João é castigado pelos senhores do sítio pela perseguição à Romana. Ocorre que, em dado momento, uma das escravas que tinha interesse em Nego João percebe o assédio à Romana e o denuncia, então ele é levado ao tronco, *“ele achava que tinha sido a Romana que tinha denunciado, ficou com muito ódio dela, e resolveu que a deixaria em paz, mas um dia iria se vingar, com o passar do tempo, ele não atormentou Romana. Ela já estava se sentindo mais segura, mais aliviada, sem aquela perseguição”*, mas a calma durou pouco.

Chega ao sítio, um filho do dono, que morava em outra cidade e agora se estabelece junto aos pais. Sem saber da parentela com Romana, o rapaz *“se apaixonou por ela também, então a perseguição começa a ser ainda maior do que a do escravo, já que ele era um dos donos e se achava no direito, então ele começou a perseguir ela, sem freio”*. Havia dias, segundo contam, que Romana sentia-se atormentada em razão das atitudes do jovem.

Sem ter o que fazer, Romana resolve contar aos pais do rapaz. Ele foi chamado a atenção e proibido de ter qualquer tipo de relacionamento com ela, contudo, *“o rapaz não entendeu porque eles tanto protegiam ela. Ele não sabia que ela era irmã dele por parte de pai, e ela era tipo protegida, ele não sabia o porquê, então ele ficou com raiva, com ódio”*. Ao perceber a situação, Nego João vê a possibilidade de colocar em prática seu plano de

vingança e mais uma vez se coloca em cena.

Nego João e o rapaz entram em conluio contra Romana e elaboram um plano. Romana já percebia o que estava acontecendo, mas não tinha como intervir de modo algum. De acordo com uma interlocutora, eles

“[...] começaram a viver de cochicho pelos cantos e ela naquela lida do sítio, naquele trabalho dela, ela via eles dois cochichando pelos cantos, aquilo ali atormentava ela, ela já sentia medo, só em ver eles dois conversando, então ali ela sentia que ali era alguma coisa contra ela, só que ela não tinha com quem contar, o que que ela ia dizer, que os dois estavam planejando alguma coisa? Ela não tinha como provar, mas aquilo ali atormentava ela”.

A repentina proximidade dos dois evidencia a trama e Romana fica a cada instante mais preocupada com a situação. Seria necessário ter provas para realizar qualquer tipo de denúncia aos senhores do sítio já que se tratava de seu filho.

Uma noite, enquanto realizava suas orações na senzala, como era de costume, Romana viu um vulto, *“naquela época não tinha luz, era na lamparina. Ela viu aquele vulto passando, que quando ela olhou assim, já foi aquelas mãos atracando na boca dela, tampando a respiração, então ela desmaia”.* Nego João e o rapaz carregam a jovem para dentro do matagal, assim como planejado, ao recuperar-se do desmaio, Romana se depara com os dois agarrando-a e tentando abusá-la, *“ela entra em desespero porque pra ela, o mais precioso era a virgindade e ela não queria, né?”* Amarrada e amordaçada, Romana lutou para defender sua honra a todo custo. Por capricho do destino, a jovem consegue golpear o rapaz, um interlocutor me conta que

“Uma escrava naquela época tinha muita força, então ela tentando se soltar de todas as maneiras, não conseguia, aí teve um momento que ela consegue se soltar um pouco, ela consegue empurrar o rapaz, que estava agarrado com ela, o meio irmão dela, então quando ela empurra ele, ele sai deslizando. Por ele sair deslizando, eu acredito que seja um lugar alto que eles estavam, então ele sai deslizando cai lá embaixo, num abismo, então ele se estrepa no toco, aí o Nego João solta ela para socorrer o rapaz, o patrão dele”.

Para o rapaz, a queda foi fatal. Logo Nego João sobe com ele nos braços em direção à casa grande do sítio. Os senhores da casa e todos os escravos do sítio ficam sabendo do ocorrido pelo próprio Nego João que não detalha a situação, mas aproveita, como ato de vingança para apresentar Romana como culpada.

Nervosa e aliviada, ao mesmo tempo, por ter se livrado dos dois, Romana permanece no matagal. Quando passa o susto, ela vai para casa e se depara com toda a situação. *“Quando chega lá, tá todo mundo revoltado, eles não deixam ela falar, não deixa ela se explicar. Quando ela vê o corpo esticado em cima da mesa, sem vida, sem ter como se*

defender, então ela resolve se calar. Sem reação, a jovem deixa que toda culpa recaia sobre si.

A vingança arquitetada por Nego João, embora tenha saído do planejado, se concretiza ao levar Romana ao tronco por ordem de seu dono. “*Nego João que açoitava os escravos e isso aí era a vingança que ele queria*”. Depois de todo o flagelo, ela foi jogada na senzala junto com os outros escravos, por conta de toda a situação vivenciada seguida pelos açoites no tronco, Romana

“perdeu todos os sentidos, ela perdeu a fala, a audição, ela ficou aquela pessoa totalmente debilitada, sem ter assim um ajuste de nada, até os próprios outros escravos ficaram com raiva dela, achavam que ela fosse mesmo criminosa, achavam que ela tinha matado o filho do patrão, todo mundo revoltado contra ela”.

Enquanto Romana sofria as duras penas aguardando sua sentença após os açoites no tronco, os senhores do sítio planejavam o velório do filho. Um interlocutor me conta que

“Naquela época não havia cemitério na banda daqui, então resolveram levar para a Vila Caiçara, naquela época, Sobral era chamado de Vila Caiçara, no século XVIII, então eles resolveram levar o filho para enterrar lá, eles desceram aqui [referindo-se a trilha da via sacra, no Santuário], naquela época não tinha transporte, o transporte que tinha eram os animais, então eles desceram aqui, nessas escadarias, o caminho de antigamente”.

Como descrito pelo interlocutor, a inumação do corpo do rapaz foi realizada no município de Sobral. O caso foi levado às autoridades da época e foi decidido que a cativa deveria receber o devido castigo. “*Trouxeram uma escolta de lá da Vila Caiçara, ela foi presa como assassina*” e deveria ser encaminhada à Sobral. Ao ser levada pela trilha, a atual via sacra, ficou a cargo de Romana transportar um cesto de caju serra abaixo. Na época, era parte do trabalho dos cativos, colher e levar à feira na Vila Caiçara, uns vinte quilômetros de percurso, os frutos produzidos no sítio.

Aproveitando a descida de Romana, outro castigo é acrescido à sua punição. Puseram sobre sua cabeça “*um cesto de caju maduro para ela transportar e ela muito fraca, mal conseguia se equilibrar, depois de tanta chicotada, toda ferida. Eles colocavam ela em pé e ela ficava tupiquando, ela veio trazendo esses cajus maduros, lá da senzala*”. Apesar de estar muito debilitada, em razão dos castigos aplicados a ela, a jovem mártir vem trazendo o cesto pela vereda “*e quando chegou na descida, ela não aguentou mais, eles vinham xingando, xingando de todo jeito, ela não falava para se defender, depois das chicotadas ela perdeu a fala e eles achavam que ela não falava mesmo por birra*”.

Há uma versão sobre o martírio de Romana que inclui diversas mutilações nos olhos, boca e parte íntimas, contudo, tais sofrimentos não foram mencionados pelas interlocutoras. Houve, ainda, por parte de alguns colaboradores a indicação da possibilidade

de seu sofrimento ter sido maior do que temos conhecimento, por tratar-se de uma pessoa cativa, na época.

Em decorrência dos tormentos infligidos à Romana, aponto a série de eventos violentos como estopim para a manifestação do divino através dos símbolos que a identificam no decorrer da narrativa como pessoa digna de santidade.

4.2 O Marco Divino

Símbolos e ideias vinculados ao Cristianismo, em maior grau, os que são mais comuns aos católicos, são evocados durante todo o processo, desde as narrativas de vida até a santificação do indivíduo em questão, incluindo-se, não por acaso, - o Marco Divino -, momento especial no qual a comunidade religiosa desperta sua atenção e aguça seus sentidos para perceber os primeiros traços de sacralização do indivíduo humano que se torna a partir daquele momento um indivíduo sagrado, um santo. Uma série de símbolos tomados de empréstimo da religião dominante se faz presente nas cenas que compõem as narrativas sobre o indivíduo em processo de santificação ou santificado pelo povo. Dentre as cenas e fatos que considero fundamentais nesse processo estão: o tipo de devoção adotada em vida, o tipo de morte, o marco divino e os milagres ou graças concedidos.

As narrativas sobre a vida dos grandes homens e mulheres santificados pela Igreja são repletas de símbolos que permeiam a imaginação dos devotos, seja por meio das próprias narrativas ou mesmo de outras histórias que compõem a mitologia cristã, bastante recorrida para justificar ou dar subsídio na formalização de suas santificações. Nas inúmeras aparições de Maria, as cenas sagradas são confirmadas pelo conjunto de elementos que se verificam no local ou nas imediações, tais como odores, objetos e outros que tem conexão com o cristianismo ou que apontam um sentido específico para o objetivo de determinada aparição.

Se cada símbolo apresenta significado e valor próprio dentro de uma determinada cultura, ao identificar na religião fatores que indicam ou referenciam o momento ou momentos especiais no qual se traduz por marco divino a presença sagrada no que até então podia ser considerado apenas humano, aponto, no caso de Romana, dois momentos em que a presença divina se manifesta abrindo precedente para a identificação da jovem mártir como santa.

O marco divino representa, parcialmente, o rompimento da condição humana suscitando, desta forma, a possibilidade de uma relação com o Divino. Tal marco se evidencia pela manifestação do próprio divino por meio de elementos, alinhavados no seio da

comunidade religiosa, que se traduzem, por si só, na cena em que se dispõe, como representações do sagrado.

O martírio sofrido por Romana prepara a cena para o primeiro marco divino em seu processo de santificação, segundo as narrativas, enquanto a jovem cativa descia a vereda com um cesto de cajus maduros em direção à Vila Caiçara (Sobral), o grupo de escolta lhe importunava, *“chamavam ela de vários palavrões, pa vê se ela confessava o crime e ela calada, na dela”*. Em determinado momento, Romana, muito fraca por ter sido flagelada no tronco e ficar sem se alimentar, não aguenta a caminhada serra abaixo, *“chegou um momento que ela não aguentou mais, então ela tropeçou, tipo assim, quando a gente tá cansada, então ela tropeçou, [...] aí ela caiu”*. Uma interlocutora informa que, ao cair, ladeira abaixo, o

“cesto de caju que ela levava, soltou e espaiou caju por todo o canto, e aí ela saiu rolando né, por ser uma descida, então quando ela pára de rolar ali no meio daqueles caju, que eles olham os caju que tinham se derramado, tem se transformado num rosário ao redor dela, ela tinha derramado aquele cesto de caju, né? Aqueles cajus se forma em um rosário em redor dela”.

Para Eliade (2018, p. 17), “encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, profano”. A percepção dos presentes, na cena, ao verificar que os frutos caídos do cesto carregado por Romana tornam-se um objeto sagrado ao cristianismo, permite construir em torno da personagem um sentido especial de vínculo sagrado. Ao manifestar o sagrado, “um objeto qualquer torna-se *outra coisa* e, contudo, continua a ser *ele mesmo*, porque continua a participar do meio cósmico envolvente” (p. 18).

O livro “A Cruz da Romana” de José Gurgel do Amaral Filho, publicado em 1955 e reeditado em 2002, apresenta a história de Romana em forma de versos. A cena detalhada pela interlocutora é mencionada pelo poeta da seguinte forma: “ao sangue que as arestas vai tingindo, vão os rubros cajus se confundindo, ficando, embaixo, a mártir desmaiada, por um rosário de rubis cercada” (p. 41).

“Então a escolta de gente que ia descendo, escravo, patrão, policial, o próprio Negro João que ia junto, muito arrependido pelo que tava acontecendo porque ele sabia que ela tava pagando por uma coisa que ela não tinha feito, mas ele tinha medo de dizer a verdade e ser castigado, então ele muito arrependido, mas se calou, ele não disse a verdade. Quando ela cai no chão, ela cai quase morta, então o Nego João pega ela pelos braços e sobe mais um pouco e coloca ela onde tem aquelas cruz ali na beira do caminho [cruz levantada a beira do caminho, atrás da capela do santuário], coloca ela no chão e então ele pede perdão a ela por o que tava acontecendo, pelo o que ele tinha feito, então ela abre os olhos, ela vê ele pedindo e tudo, aí ela faz um pequeno esforço e consegue pronunciar as últimas palavras: ‘Eu perdoe, o Nego João e o meu amo’, foi as últimas palavras que ela falou”.

Apesar do sofrimento infligido à Romana, em sua fragilidade como ser humano e fortaleza como indivíduo, certa de suas convicções e da natureza de seu martírio, a jovem imprime em sua biografia a ideia de perdão para dar livramento a seus algozes.

De acordo com os relatos, a jovem foi sepultada nas imediações de seu local de morte, onde foi levantada uma cruz, a primeira cruz em sua homenagem, rememorando a relação da jovem com a religião professada e seus votos com Deus.

Se o primeiro marco divino não teve apelo suficiente para instituir o culto a Romana como santa, outra manifestação desperta os sentidos dos moradores de São João das Almas para a relevância da jovem mártir como figura próxima de Deus e digna de devoção, como indica um interlocutor.

“Depois de muitos anos, o pessoal passava aqui de frente, pessoal das redondezas tudo, aí no meio daquele matagal, aí tinha aquelas pessoas, não era todo mundo, tinha aquelas pessoas que quando passava de frente, sentia aquele cheiro de rosa, toda gente que passava de frente para o túmulo sentia aquele cheiro de rosa, sentia de incomodar mesmo, e o pessoal começava a ficar curioso, tinha muita gente curiosa. Tinha gente que nem sabia, quem é que tinha sido enterrada ali, aí começaram a se informar [sobre] quem tinha se enterrado ali”.

O segundo marco, talvez o mais evidente, sinaliza maior proximidade de Romana com o divino. O “odor da santidade”, como costuma ser chamado pelos estudiosos, trata-se de uma “fragrância emanada dos corpos dos santos e, sobretudo de seus estigmas” (ODOR, 2011), cuja origem nada se sabe. Para os cristãos, tal odor é entendido como uma espécie de milagre e pode ser percebido na proximidade de um humano, vivo ou falecido, relíquias e objetos litúrgicos.

No caso em estudo, o local que guarda os restos mortais de Romana marcou o centro, o ponto fixo, onde se manifestou o sagrado. O inverso também é possível, assim como indica Eliade (2018), “a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro” (p. 26).

O aroma de rosas tem destaque dentre os demais, encontrando-se entre os mais comuns nas aparições de Maria ao redor do mundo. O odor de santidade é o sinal de que a carne ou objeto está além da corrupção natural das coisas, ele atesta os corpos santos e a autenticidade de relíquias.

No processo de santificação popular de Romana, o odor da santidade percebido como cheiro de rosas foi entendido pela comunidade como prova da santidade e virtudes da

jovem mártir.

4.3 As graças alcançadas

Embora não houvesse a certeza, inicialmente, de quem estava sepultado naquele local, algumas pessoas “já conheciam a história, aí começaram a contar que tinha sido uma escrava, contaram todos os detalhes do sofrimento dela. Começaram a se apegar à alma dela, mesmo ela sem ser santa”, diz um interlocutor. Logo as narrativas se refizeram e o nome de Romana se sobressai atraindo a atenção dos fiéis. Os primeiros relatos de graças alcançadas começaram a surgir, contudo não havia evidências suficientes que comprovassem qualquer milagre, até que surge um penitente para pagar uma promessa. Uma interlocutora conta que

“havia um rapaz, aqui, um menino, naquela época, que morava aqui por essas redondezas, então ele tinha uma doença incurável, aí os pais dele se apegaram a alma dela, pediram a cura desse menino, então com pouco tempo depois este menino ficou curado, aí foi embora pa banda do Mato Grosso junto com os pais, depois de muitos anos, os pais dele faleceu e ele sabia que tinha essa promessa pra pagar. Ele foi curado. Depois de muitos anos, ele já de idade, resolveu vim pagar essa promessa. Mandou construir a primeira capelinha”.

Segundo artigo “Toda vida tem seu altar” do jornal O Povo, publicado em 2011, o primeiro milagre atribuído à Romana data de 1912 e marca sua trajetória como santa popular. A primeira capelinha foi construída como pagamento pelo milagre concedido, “era coberta de palha (dentro você vê que tem uma repartição, tem tipo um batente dentro, a capelinha era daquela parte pra cá, media [aproximadamente] 3 m por 3 m), o pessoal vinha gostava muito de acender vela, aí uma época, pegou fogo, pegou fogo na palha e tudo”. Parte dos caibros que resistiram ao incêndio guardam a data da primeira capelinha, indicando mais de um século. A partir da primeira capelinha, “o pessoal começou a se apegar à alma dela, e o pessoal alcança (mesmo) graça”, conta uma interlocutora.

Figura 2. Altar na capelinha com imagem de Romana em banner.



Fonte: Registrado pelo autor (2021).

O apego é um dos fatores que possibilita a realização do milagre. Ele ocorre, entre outras variáveis, por que “o homem [...] tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos sagrados”, pois eles “equivalem ao poder” (ELIADE, 2018, p. 18). Se, por um lado, o pedido pode ser considerado o ponto de partida, as relações que se estabelecem a partir dele podem ser duradouras ou não dependendo da graça alcançada e, em alguns casos, tem-se a materialização e publicização do agradecimento em forma de ex-votos que são expostos no local de devoção consagrado com esta finalidade.

4.4 Os ex-votos como mostra das graças alcançadas pelos devotos

Descrever o sentimento dos fiéis para com seus santos, em face de um milagre, pode ser bastante difícil, afinal, é preciso ter noção das particularidades do sentimento que se faz presente no devoto, podendo ser avaliado, somente, caso a caso. No entanto, tal descrição ainda seria um grande desafio. O ex-voto, de certa forma, é uma amostra de eficácia do poder do próprio santo, sendo sua popularidade baseada na relação entre o efeito da ação e os objetivos pretendidos dando assim significação simbólica ao ex-voto. Na tentativa de descrever as significações dos ex-votos, podemos desvendar percepções, sentimentos e experiências do devoto, desta forma, o ex-voto pode ser entendido como um dos principais símbolos materiais do poder de intercessão dos santos junto ao divino e, não pode ser deixado de lado, o valor simbólico e sentimental do penitente que se agrega ao objeto entregue ao

santo.

O símbolo, no seu vir-a-ser, dinamicamente, é o “encontro” pelo qual se adquire o conhecimento, que se fixa por uma representação (ora mais concreta e sensorial, ora mais abstrata e intelectual) que é o símbolo em si mesmo, no seu modo de ser. Tudo o que é humano participa da natureza total do homem: soma, psique, espírito (OLIVEIRA, 2003, p. 100).

Os significados dos ex-votos estão para além do sentido e representação material, sua importância é transcendente, ela acusa a realização de uma benfeitoria e não tem a simples função de pagamento, entretanto, para a maioria dos fiéis ou pagadores de promessa, os ex-votos são apenas uma forma de agradecer ao santo pela graça alcançada ou pagar promessa.

Nas narrativas sobre Romana, José Gurgel do Amaral Filho, registra que “dos adustos sertões centenas de devotos, por isso vem trazer, em longas romarias, ao pé daquela cruz, espórtulas e ex-votos, com música, foguete e extensas litanias”. O trecho documentado pelo poeta indica que o culto a Santa Romana data de muitas décadas e considerando as ações elencadas, a diversidade de atividades ligadas ao religioso certifica a mártir como entidade sagrada de grande poder e influência junto aos devotos e penitentes que, periodicamente, buscam conforto e graças reafirmando os compromissos entre o homem e o sagrado.

Figura 3. Prateleira com exposição de ex-votos.



Fonte: Registrado pelo autor (2021).

A imagem acima exhibe alguns dos ex-votos que adornam as prateleiras do interior

da antiga capelinha reformada, localizada no centro do Santuário da Santa Cruz da Romana. Segundo contam, desde que a capelinha foi construída, os devotos sempre realizaram a entrega de ex-votos para Romana.

“Você vê que é cheio de ex-voto. De vez em quando tem que fazer limpeza porque a madeira vai se destiorando aos poucos. O pessoal sempre vinha aqui, [quando era] no meio do mato, propriedade particular, [era] dentro dos matos, os donos do sítio não ligava muito, aqui era praticamente abandonado. Vinha gente de todo canto vinha pagar promessa. Pulava uma cerca, não tinha acesso para vim aqui. O pessoal vinha pela veredazinha no meio do mato. Dia de segunda-feira era o dia que o pessoal mais pagava promessas, os foguetes estrondavam no meio do mundo”.

Materialmente, os ex-votos são cartas, estatuetas feitas de madeira, resina, cera ou outro material simbolizando partes do corpo, roupas, miniaturas de bens ou outros objetos, dentre tantos outros que representam os tipos de graças proporcionados pelo santo.

O *ex-voto*, sendo a satisfação da súplica atendida, destina-se à publicidade, como ainda usam divulgando nos jornais a obtenção de “graças alcançadas”. O aspecto rude da escultura não exclui a intenção emocional de uma homenagem *ultra petita*. Prova o reconhecimento e demonstra a existência do artista. A importância etnográfica dessas peças está justamente em reconhecer esse oculto e notório desejo de exteriorização (CASCUDO, 1974, p. 311).

Entendidos como a representação física da graça alcançada, os ex-votos são capazes de atrair mais devotos, eles são a prova do poder sagrado exercido pelo santo sobre os fiéis. A devoção à Santa Romana tem sido constante, por mais que o acesso às relíquias tenha sido difícil, em parte do tempo, as penitências, entregas de ex-votos e outras práticas de fé voltadas à mártir não deixaram de existir. Por muitos anos, o local que hoje é ocupado pelo Santuário, possuía uma vereda na mata fechada onde as pessoas passavam em frente a cruz, *“a cruz dela, verdadeira, uma cruz que está na capelinha, uma cruz azul, antiga, modelo antigo, feita da aroeira, uma madeira muito resistente”.*

Figura 4: Cruz azul em aroeira com fitas e votos.



Fonte: Registrado pelo autor (2021).

A cruz da Romana é uma relíquia que evoca a devoção à Santa Cruz e guarda as histórias dos penitentes que, ao longo de décadas, têm dedicado seu tempo e atenção firmando promessas. A relíquia traz consigo, além do valor simbólico e espiritual a que se vincula, um número expressivo de símbolos ligados aos desejos e graças alcançadas por fiéis que por décadas têm recorrido às intervenções de Romana junto ao Divino a fim de uma resolução para os problemas que os afligem.

A cruz que marcou, durante décadas, o local de morte ou de inumação do corpo de Romana tem espaço reservado no interior da capelinha de Santa Romana ao lado dos ex-votos dedicados à consagrada.

4.5 O Santuário da Santa Cruz da Romana

A devoção à Santa Cruz instituída pela Igreja, no Santuário, assume a dianteira na chamada aos fiéis, embora se trate de um culto, na compreensão popular, à Romana, a jovem escravizada que se tornou santa em razão de seu martírio, a Igreja Católica indica em seus ritos, um culto à Santa Cruz enquanto que Romana é evocada de forma complementar, já que seu título de santificação não advém das vias canônicas da Igreja.

Conforme as narrativas, *“um dia o pessoal da comunidade, Sítio São Brás, resolveram mandar fazer uma missa para o dia dos pais. Uma missa fora dessa capelinha [a capelinha da Romana], tinha um altarzinho aí”*. O local, como mencionado anteriormente, guardava a memória e símbolos da devoção à Santa Romana, nele eram realizados ritos cristão por devotos e pela própria Igreja Católica a pedido da comunidade. O que torna a realização dessa missa importante na história e narrativas sobre Santa Romana é a participação de um número expressivo de devotos e a comoção suscitada pela fala do padre, como informa uma interlocutora,

“O padre Magalhães veio celebrar essa missa, nesse dia o dono do sítio tava aí, era difícil eles vim, ainda hoje é difícil. O casal veio participar dessa missa no meio do tempo, não tinha essa igreja ainda não, no meio do tempo, campal. Era de manhã, o sol muito quente e o pessoal tudo mal acomodado, mas lotado de gente, gente da Meruoca, de Alcântara, gente de Sobral, mas menino tava cheio. Antes da bênção final, o Padre Magalhães disse assim: ‘quem sabe da próxima vez que eu vier celebrar uma missa neste local santo, não esteja no lugar mais bem preparado pelos proprietários para acolher melhor as pessoas?’”

Naquele momento, *“como se algo tocasse no coração deles”*, o dono comenta com sua esposa: *“então eu vou construir a capela”*. Assim foi feito. *“Ele tinha condições, era na terra dele. Devido a essas palavras que o padre falou, parece assim que foi tocado, porque hoje em dia uma pessoa fazer uma coisa assim sem ter, sem receber troca, né? No dia seguinte, começou a chegar material de construção e tudo”*, iniciando-se, assim, a construção do Santuário da Santa Cruz da Romana.

A construção se dá em volta da antiga capelinha da Santa Romana e uma nova estrutura é erguida para receber os fiéis. Antigas cruzes são fixadas na trilha logo atrás da nova capela, demarcando, segundo dizem, o local de morte de Romana.

Figura 5. Interior da capela do Santuário.



Fonte: Registrado pelo autor (2021).

Em setembro de 2002, se realiza a primeira missa no Santuário, *“por isso a festa daqui é sempre setembro”*. Festa e romaria caminham juntas e pontuam no calendário oficial do município de Meruoca como evento religioso.

A construção da via sacra veio depois, *“ele ficou sabendo que aqui onde tem essa escadaria (que ali era fechado que o mato tinha tomado de conta, mas caminho antigo o mato não cresce, o mato só era por cima) que era o caminho, aí ele mandou reabrir e fazer aquelas escadarias”*, [dois anos após a construção do Santuário] *“são 365 degraus, toda aquela história de Jesus, todo sofrimento. Começa lá embaixo no último degrau tem a primeira estátua, lá, quando Jesus é condenado, de lá vêm subindo até chegar aqui”*.

Figura 6. Trecho da escadaria.



Fonte: Registrado pelo autor (2021).

Segundo Soares (2012), “a pequena São João das Almas é destaque nesse distrito, pois conta com o Santuário da Romana, ficando aberto ao público para visitas e momentos religiosos de grande importância para o turismo religioso no município de Meruoca” (p. 111-112).

O Santuário da Romana localiza-se no sítio São Brás, a cerca de 8 km da cidade de Meruoca. Na construção do santuário, em sua escavação foram encontrados cerca de 3 quilos de ossos humanos, certamente de escravos ali enterrados. No local há um desfiladeiro, onde existe uma via sacra feita de cimento armado e com uma escadaria de 365 batentes (SOARES, 2012, p. 135).

Nas narrativas, alguns relatos sobre uma grande quantidade de ossos humanos encontrados nas escavações de fundação do santuário se evidenciam, contudo não se sabe de

quem ou porque foram inumados no local. Segundo dizem, parece que vários corpos foram enterrados na mesma cova.

Conforme Lima (2008), em artigo escrito para o jornal Diário do Nordeste, a realização da romaria em homenagem à Santa Romana, trata-se de um evento tradicional que conta com a participação de “milhares de fiéis” na festa da Exaltação da Santa Cruz. Segundo o autor, a “romaria em homenagem à escrava é realizada tradicionalmente há mais de 150 anos”, contando, nos últimos anos, com a realização de diversas atividades religiosas, tais como batizados e confissões.

Como indicado logo acima, romaria e festa tem sua realização no segundo fim de semana do mês de setembro e conta com a participação da comunidade e de outros devotos de várias partes do país e do mundo. A junção dos rituais eclesiástico e popular resulta em ganho para comunidade. Enquanto a Igreja Católica inclui em seu calendário o Dia da Exaltação da Santa Cruz, os populares celebram as graças alcançadas por intermédio de Santa Romana e aproveitam para renovar seus votos e promessas.

Não há clareza, entre alguns devotos, sobre o fato de a Igreja não reconhecer o título de santidade que a comunidade deu à Romana, *“a gente vê que [os santos] tem tipo uma semelhança com a história da escrava Romana”, “aquele sofrimento, a escravidão” e “a Romana, a escrava Romana, pela Igreja Católica, não é reconhecida como santa, eu acho que por ser uma propriedade particular, os padres não se envolvem muito, né?”*.

Verdade que há uma queixa sobre o não reconhecimento eclesiástico da santificação de Romana, contudo, isso não diminui seu poder de intervenção e mediação junto ao divino ou seu poder de conceder graças aos devotos. *“Pelos pessoas ela é santa, mas pela Igreja Católica, ela ainda não é reconhecida, não tem um estudo iniciado para levar para Roma, só por boca, mas o pessoal tem muita fé, o pessoal alcança muitas graças porque o que não vale é a fé? Não é santa pela Igreja Católica, mas é muito milagrosa”*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, busquei ser fiel às narrativas dos interlocutores, de modo a seguir um roteiro que foi se reconstruindo ao passo que os relatos sobre Romana e os cenários descritos eram documentados. Tratei, ao longo do caminho da pesquisa e construção do texto, de apontar os marcos divinos que permitiram aos devotos perceber a presença do sagrado na personagem. Nesse quadro, a presença de elementos sagrados do catolicismo se apresenta em algumas cenas em que Romana figura como mártir ou mesmo no local onde, supostamente, repousam seus restos mortais.

Inspirado pelos trabalhos de Calavia Sáez (2009), Eliade (2018) e Girard (1990), interessei-me em seguir uma trajetória que se ampara nas narrativas documentadas em campo corroborando com uma história em que a violência sagrada se evidencia purificando cena e personagem que transformam-se, a partir do ato de violência, em cena e personagem sagrados cuja manifestação salienta o marco divino. Assim, tal manifestação institui um marco na trajetória de Romana possibilitando identificar o momento em que há o rompimento com o mundo profano agregando a personagem ao mundo sagrado.

A trajetória de Romana permeia o imaginário local e mesmo que não haja registros oficiais sobre a existência real da personagem, sua história tem se reproduzido, ao longo do tempo, e podemos encontrar distintas ideias e significados entre uma narrativa e outra. Se se divergem ou se complementam, não sabemos ao certo, mas é consenso, entre as pessoas, que Romana se libertou de seus algozes e da própria morte ao assumir o *status* de santificação agraciando seus devotos e se firmando como figura sagrada da e na localidade. Seus feitos como mediadora entre o divino e o humano são reconhecidos pelos populares que lhe rendem cultos e lhe prestam homenagem ofertando velas, flores, orações e outros elementos e depositando em seus altares uma diversidade de objetos que tem entre seus propósitos reafirmar os poderes de intercessão e/ou mediação da Santa junto ao divino.

Ressalto que as narrativas inclusas no trabalho apresentam uma das histórias sobre Romana. Optei por desenvolver meus escritos considerando as informações que pareceram mais comuns nas falas dos sujeitos que colaboraram na construção do trabalho reorganizando, em uma narrativa, ideias e informações que permeia o imaginário dos devotos.

Ao identificar, descrever e documentar os marcos divinos na instituição de Romana como personagem que se santifica popularmente, considerando sua trajetória como mártir, dei como concluída a presente investigação. Contudo, alguns fatos surgiram em meio à pesquisa e que não foram discutidos, o primeiro, trata-se do local onde repousa o corpo ou os

restos mortais de Romana, já que em algumas narrativas, inclusive matéria de jornal, seu corpo não teria se decomposto e, o segundo, é relativo aos ossos humanos descobertos nas escavações para fundação do santuário.

Em um exercício etnográfico voltado a pensar as continuidades e transformações do espaço físico em razão da devoção à Romana, intensificados, ao longo das duas últimas décadas, fui levado a considerar a construção do Santuário e divulgações por meio das mídias digitais e impressas como fatores que tem avivado o culto à Santa popular. Já, a pandemia do novo coronavírus tem redesenhado o sistema de culto, influenciando a readequação das atividades devocionais, assim como o turismo na região.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. tradução J. Oliveira Santos, S.J. e A, Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. O que os santos podem fazer pela antropologia? **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 29(2): p. 198-219, 2009.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões** / Mircea Eliade; tradução Rogério Fernandes. - 4ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- FREITAS, Eliane Tania Martins de. Violência e sagrado: o que no criminoso anuncia o santo? **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 191-203, 2000. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/18707/1/2000_Tania.pdf. Acesso em 25 jan. 2022.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. tradução Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ubu editora, 2017.
- LIMA, Manoel. Romaria da Santa Cruz reúne multidão de devotos católicos. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 15 set. 2008. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/regiao/romaria-da-santa-cruz-reune-multidao-de-devotos-catolicos-1.343280>. Acesso em 28 jan. 2022.
- MAIA, Michele Ferreira. “**Milagreiros**”: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS: UFGD, 2015. Disponível em: <http://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/03/Michelle-Ferreira-Maia.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- MELERO, Tais Cristina. Morte, cemitérios e devoção: uma análise material do fenômeno dos santos populares em Bauru e Jaú (São Paulo – Brasil) a partir de imagens. **Revista de História da UEG**, v. 10, n. 02, p. e022114, 19 ago. 2021. Disponível em <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/11618> Acesso em: 27 jan. 2022.
- ODOR de santidade. **Juventude Alegria de Maria**, 2011. Disponível em: <https://jam.org.pt/pt/artigos/curiosidades/odor-de> Acesso em: 25 jan. 2022.
- OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. O Símbolo e o Ex-Voto em Canindé. **Revista de**

Estudos da Religião, São Paulo, Nº 3, pp. 99-107, 2003. Disponível em:
https://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_oliveira.pdf. Acesso em: 27 jan. 2022.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes. Túmulos, oferendas e simbolismos: notas sobre um ritual de culto aos mortos no Ceará. **Revista Mosaico**. v. 13 n. 21, p. 335-351, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/rm.v13n21.2021.83498>. Acesso em: 29 jan. 2022.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes; SILVA, Weverson Bezerra. O sagrado entre nós: ritos e representações em torno dos santos populares. In: **II Seminário Nacional de História Social dos Sertões** - Caicó-RN, 2021. Disponível em:
<https://www.doity.com.br/anais/sehis2021/trabalho/187823>. Acesso em: 31 nov. 2021.

PÉTONNET, Colette. A observação flutuante: exemplo de um cemitério parisiense. Traduzido por Soraya Silveira Simões. **Antropolítica**, n. 25, p. 99-111, 2008. Disponível em:
<https://www.lemetro.com.br/s/Observaco-flutuante.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

SILVA, Raylinn Barros da. Breve discussão sobre o “nascimento” dos santos populares no Brasil: estudo de alguns casos. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 155, 2014. Disponível em
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22745/12764>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SOARES, Hugo. Ricardo. **A produção social do santo**: um estudo do processo de beatificação do Padre Rodolfo Komórek. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 2007. Disponível em:
https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_7ea2cc8bafa1ca64e322f28c33dcd048. Acesso em: 25 jan. 2022.

SOARES, José Wellington Lúcio. **Meruoca**: cidade de lazer, turismo e possibilidades no sertão cearense / José Wellington Lúcio Soares. – 2012. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2012. Disponível em:
<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=74490> Acesso em: 27 jan. 2022.

TODA VIDA tem seu altar. **O Povo**. Fortaleza, 14 mai. 2011. Disponível em:
<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cadernospeciais/santificadosii/2011/05/14/noticiasjornalsantificados2,2240995/toda-vida-tem-seu-altar.shtml>. Acesso em: 25 jan. 2022.

ANEXO A – PRECE À ESCRAVA ROMANA

PRECE À ESCRAVA ROMANA

Romana, serva fiel do Senhor, você que passou nesta vida terrena sob o jugo da autoridade de um amo, tendo, porém seu espírito escravo somente do Jesus, o senhor dos senhores, hoje gozando da felicidade do céu, interceda por mim.

(Pede-se a graça).

Conceda-me, também, a graça da libertação de toda escravidão emocional, psicológica espiritual e a cura de toda mágoa e falta de perdão.

Peça também ao Senhor, para mim, a graça da pureza do corpo e do espírito.

Amém!

Fonte: texto reproduzido de uma imagem exposta na capela do Santuário (2021).